

MARTINHO DA VILA CONTA

CARTOLA



LAZULI
editora



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





MARTINHO DA VILA CONTA

CARTOLA

MARTINHO DA VILA CONTA

CARTOLA

desenhos

WERNER SCHULZ

LAZULI
editora

© Lazuli Editora, 2021
direção editorial Miguel de Almeida
direção de arte Werner Schulz
capa e desenhos Werner Schulz
revisão Eliakim Oliveira



Visite o nosso site: **www.lazuli.com.br**

Acompanhe no:

 /lazuli.editora  @lazulieditora

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vila, Martinho da

Martinho da Vila conta Cartola [livro eletrônico] / Martinho da Vila. --

1. ed. -- São Paulo : Lazuli Editora, 2021. -- ISBN

(Música popular brasileira ; 1)

ISBN 978-85-7865-149-7

1. Cartola, 1908-1980 2. Música popular brasileira

3. Sambistas - Biografia I. Título II. Série.

21-73843 CDD-709.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Sambistas brasileiros : Biografia 709.2

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados

1ª edição - São Paulo - 2021

Lazuli Editora

Rua Patizal, 35 - Vila Madalena - São Paulo - Cep: 05433 - 040

Tel.: (011) 3729 6077

O que é o que é?

O que é o que é?

adivinha



O que é o que é?

*É adereço de um traje a rigor,
compõe a figura do “Tio Sam” e
é adjetivo que identifica dirigentes
esportivos.*



Quem é quem é?

Tinha uma cabeça privilegiada que foi protegida por um chapéu coco.

Foi pedreiro, pintor de paredes e coloriu uma escola.

Brincar de matar charada é muito divertido.

As boas são difíceis e necessitam de dicas.

Para quem não adivinhou de cara, há muitas dicas nas entrelinhas de uma historiazinha mini-biográfica:



E RA UMA VEZ UM MENINO, CHAMADO ANGENOR DE OLIVEIRA, que nasceu no Catete, bairro do Rio de Janeiro, onde tem um palácio que foi transformado em 1897 em Sede do Governo Federal.

No Palácio do Catete, morava o Presidente do País e, atualmente, é onde funciona o Museu da República.

O primeiro mandatário do Brasil a residir lá foi o Presidente Prudente de Moraes e o último, Juscelino Kubistchek, que transferiu a Capital do Brasil do Rio para Brasília.

Sebastião Joaquim de Oliveira, pai do menino da charada “**quem é e quem é**”, tocava cavaquinho.

Ainda criança, o garoto aprendeu a tirar sons do instrumento com o pai, que alguns chamavam Tião Oliveira. Mas logo o menino interessou-se pelo violão.

Foi também com o pai, mestre de obras, que começou na profissão de pedreiro e, na infância, já era um trabalhador. Também pintava paredes.

Padeiro faz pão, costureiro faz roupas, barbeiro faz barba e pode fazer barbeiragens, mas pedreiro não é quem faz pedra. É um trabalhador em construções.

Certa vez o Angenor, já adolescente, estava pintando as paredes de uma casa e respingou tinta na cabeça dele, que custou a sair. Daí para frente passou a usar uma toalha enrolada no quengo, sempre que pintava.

De outra feita, ao pintar um teto, caíram-lhe pedaços de reboco e, mesmo com a toalha na cabeça, ainda doeu um pouquinho.

A partir daí ele trabalhava sempre usando um chapéu cilíndrico, de fundo alto, conhecido como chapéu coco, do tipo usado por Charles Chaplin, aquele humorista do cinema mudo.

Achou o chapéu em uma lixeira e dentro dele colocava um pedaço de pano como amortecedor.



Para uns falava que era por segurança, pois na época trabalhadores não usavam capacete. A outros dizia que o chapéu servia para proteger a cabeça de poeira ou de respingo de tinta.

Muito antes do menino ser mudado para Laranjeiras, bairro próximo ao Catete, a família vivia regularmente, em uma casa pequena. O pai resolveu mudar-se para uma residência maior, quase uma mansão, no bairro de Laranjeiras. Houve uma crise imobiliária, poucas construções eram erguidas, quase ninguém fazia reformas em suas residências e o trabalho escasseou.

O chefe da família ficou endividado.

Dona Aída fazia sacolés, um picolé caseiro, para colaborar nas despesas, e o Angenor, na volta da escola, ajudava o pai em obras. Mesmo assim Seu Tião não conseguiu pagar o aluguel da casa e foi despejado.

Como é triste um despejo!...

Um Oficial de Justiça chegou com uma Ordem Judicial e determinou que a família teria de sair em 48 horas.

Sua mãe, Aída Gomes de Oliveira, foi encarregada por seu marido de vender tudo o que tinham de pouco valor — fogão, geladeira, ventilador...

Tião Oliveira saiu a pé de Laranjeiras até a Central do Brasil, com a mulher e o filho, todos conduzindo, apenas, objetos pessoais.

Pegaram um trem da Central do Brasil e saltaram na Estação Primeira, onde há uma favela.

Foram morar bem no alto da colina, no barraco que havia alugado.

O menino, já rapazinho, não estranhou a vida no morro, onde, naquele tempo, era lugar de harmonia e lirismo. Lá conheceu o compositor Elton Medeiros em um alvorecer e cantaram:

Alvorada

Lá no morro que beleza

Ninguém chora não há tristeza

Ninguém sente dissabor

O sol colorindo é tão lindo

É tão lindo

E a natureza sorrindo

Tingindo, tingindo

Muito simpático, fez amizades e participava como juiz de partidas de futebol que os moleques jogavam em um campo, de terra batida, próximo da sua casa, no alto da favela.

Tudo ia bem, até que teve a sua primeira grande tristeza: ficou órfão de mãe. D. Aída passou meses acamada e faleceu.



Angenor já era um rapaz e não se dava muito bem com o pai, que se

irritava com facilidade.

Um dia desentenderam-se, não se sabe por que, e, muito nervoso, Seu Tião Oliveira, tentou agredi-lo com tapas. Matreiro, esquivou-se e fugiu de casa somente com a roupa do corpo.

Depressivo, perambulava pelo morro e entregou-se a bebidas.

Dormia ao relento debaixo de uma mangueira que havia ao lado do barraco de D. Deolinda, até ser adotado por ela.

Bem mais velha que Angenor, aos olhos dele ela era uma bela jovem.

Apaixonara-se.

Sua vida mudou, como diz o samba *Minha Festa*, de Nelson Cavaquinho:

*Graças a deus minha vida mudou
Quem me viu quem me vê, a tristeza acabou
Contigo aprendi a sorrir
Escondeste o pranto de quem sofreu tanto
Organizaste uma festa em mim
É por isso que eu canto assim.*

La, lalaia laia, lalaia laia, lalaia la

O rapazinho não era muito de sambar, mas gostava de brincar carnaval, junto com um amigo que não bebia, chamado Carlos Cachaça.

Carlos Moreira de Castro era assim apelidado porque, quando ia a uma tendinha, se via um viciado em álcool, passava uma conversa nele e levava-o para sua casa com a intenção de livrá-lo do vício.

Conseguiu recuperar muitos e os seus parentes carinhosamente o chamavam de Carlos dos Cachaças.



Com ele o nosso rapaz criou o Bloco dos Arengueiros, formado por uma turma boa, mas muito bagunceira, que o nosso personagem, fantasiado de Tio Sam, com sua fala mansa conseguia liderar e evitava os excessos. Era um compositor muito respeitado.

Em conversa com o amigo Carlos, falou que deveriam acabar com o bloco e criar uma escola de samba, como fez o sambista Ismael Silva no bairro do Estácio. A Estácio de Sá foi a primeira das escolas. Carlos gostou da ideia. Então Angenor juntou um grupo de amigos para serem fundadores e sugeriu o nome Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Também, por sua sugestão, as cores deveriam ser verde e rosa.

O nome da escola foi recebido com aplausos, mas houve resistência quanto às cores. Uns diziam que os tons não combinavam para as fantasias. Outros não gostaram porque todos os agrupamentos de

sambistas tinham fantasias de cor branca associada a uma outra de tom diferente — verde, vermelho, azul...

Os fundadores, Seu Saturnino, Abelardo da Bolinha, Zé Espinguela, Seu Euclides, Marcelino Maçu e Pedro Paquetá, não chegavam a um acordo e Carlos Cachaça, que permanecia quieto, ficou encarregado de decidir e determinou que as cores fossem verde e rosa, como havia sugerido Angenor.

Feliz, o compositor fez o samba *Verde Que Te Quero Rosa*:

*São verdes, os campos, as matas
E o corpo das mulatas
Quando vestem Verde e rosa, é
Mangueira
É verde o mar que me banha a vida inteira.*

(...)

*Verde que te quero Rosa (é a Mangueira)
Rosa que te quero Verde (é a Mangueira)
Verde que te quero Rosa (é a Mangueira)
Rosa que te quero Verde (é a Mangueira)*



Muitos sambistas foram prestigiar a nova agremiação carnavalesca, dentre os quais Noel Rosa, o Poeta da Vila, de quem Angenor se tornou grande amigo e parceiro.

Criaram as composições *Tenho Um Novo Amor*, gravada por Carmem Miranda, *Não Faz Amor* e *Qual Foi o Mal Que Te Fiz*, interpretadas por Francisco Alves, cantor conhecido como O Rei Da Voz.

Outros cantores famosos lançaram as músicas do nosso personagem, dentre os quais Mário Reis, Aracy de Almeida e Sílvio Caldas.

Sem influência da música clássica, Angenor compôs sambas com

conotações eruditas, o que chamou a atenção do Maestro Heitor Villa Lobos, que levou algumas músicas dele para o produtor de discos e regente americano Leopold Stokowski, maestro britânico que, com seu transatlântico, percorria a América Latina recolhendo músicas nativas.

Villa-Lobos ficou encarregado de formar um grupo de sambistas — entre eles, Donga, Pixinguinha, João da Baiana — para fazer algumas gravações a bordo do navio Uruguai, ancorado no píer da Praça Mauá, no Rio de Janeiro.

Quem Me Vê Sorrindo, uma dos sambas que Angenor gravou com a própria voz, saiu em um dos quatro discos de 78 RPM lançados pela gravadora Colúmbia, apenas nos Estados Unidos da América:

*Quem me vê sorrindo
Pensa que estou alegre
O meu sorriso é por consolação
Porque sei conter*

*Para ninguém ver
O pranto do meu coração*

A sua Estação Primeira de Mangueira desfilou com alguns sambas seus e o samba de enredo mais conceituado é *O Vale do São Francisco*, uma obra-prima, em parceria com Carlos Cachça:

Não há neste mundo um cenário

*Tão rico, tão vário
E com tanto esplendor nos monte
Onde jorram as fontes
Que quadro sublime
De um santo pintor.*

*Pergunta o poeta esquecido
Quem fez esta tela de riquezas mil?
Responde soberbo o campestre
Foi Deus, foi o Mestre*

*Quem fez meu Brasil!
Meu Brasil! Ô meu Brasil!*

*E se vires poeta o vale, o vale do
Rio*

*Em noite invernosa
Em noite de estio como um chão
de prata*

*Riquezas estranhas espraiando
belezas*

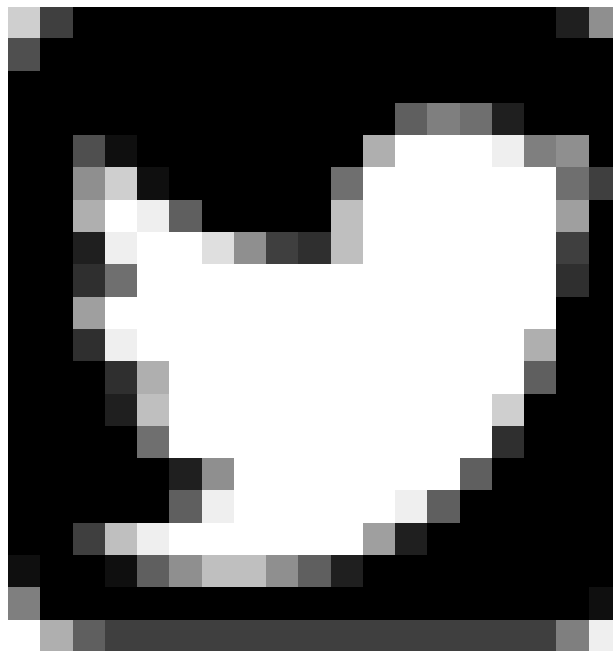
*Por entre montanhas que ficam e
que passam*

*Em terras tão boas
Pernambuco, Sergipe, majestosa
Alagoas*

E a Bahia lendária das mil catedrais

Terra do ouro de Tiradentes

Que é Minas Gerais.



A fama do compositor Angenor provocava invejas. Em certa ocasião, uma comissão encarregada de escolher o samba de desfile, formada por compositores despeitados, desclassificou uma composição sua, o que o deixou muito magoado e triste. Teve vontade de abandonar a escola.

A sua segunda grande tristeza foi o falecimento da tão amada Deolinda, ocasionado por um enfarte do miocárdio, morte diagnosticada como mal súbito.

O poeta novamente caiu em depressão. Sem falar com ninguém, vagava sozinho pelas vielas do morro. Voltou a beber.

Deolinda era o único motivo da sua permanência na favela, e o sambista, solitário, sentindo-se desprestigiado por sua escola, desceu o morro, sem destino.

Deixou um samba:

Fiz Por Você o Que Pude.

*Todo o tempo que eu viver
Só me fascina você,
Mangueira
Guerreei na juventude
Fiz por você o que pude,
Mangueira
Continuam nossas lutas,
Podam-se os galhos, colhem-se as
frutas
E, outra vez se semeia
E no fim desse labor
Surge outro compositor
Com o mesmo sangue na veia*



Na favela, não chegavam notícias dele e as fofocas se espalhavam:

— Deve ter morrido e enterrado como indigente.

— Acho que foi para os Estados Unidos. Dizem que seus sambas tocam nas rádios de lá.

— Que nada! Não morreu nem viajou. Virou mendigo.

Nem uma coisa, nem outra e nem mais outra. Virou morador de rua por um tempo, mas tudo indica que não adquiriu maus vícios.

Não voltou mais ao morro, ficou sumido por alguns anos, vivendo de biscates, lavando carros...

O humorista Stanislaw Ponte Preta o encontrou, noticiou o encontro e arranhou-lhe um emprego de contínuo no jornal *Diário de Notícias*.





Zé Ketí (*“Eu sou o samba/ A voz do Morro sou eu mesmo/ Sim senhor”*)

Nelson Cavaquinho (*“Tire o seu sorriso do caminho/ Que eu quero passar com a minha dor”*)

Ismael Silva (*“O Antonico venho pedir um favor/ Que só depende da sua boa vontade”*)

Clementina de Jesus (*“Eu não sou daqui/ Marinheiro só/ Eu não tenho amor/ Marinheiro só/ Eu sou da Bahia/ De São Salvador”*)

Elizeth Cardoso (*“Samba/ Da cabrocha bamba/ Que sambando sonha/ Com um lar na rua”*)

Aracy de Almeida (*“Quem nasce lá na Vila/ Nem se quer vacila/ Ao abraçar o samba”*)

Hermínio Bello de Carvalho (*“Sei lá, não sei/ A Mangueira é tão grande/ Que não cabe explicação”*)

João do Vale (*“Carcará/ Pega/ Mata/ E come”*)

O principiante Paulinho da Viola também andava por lá. Aos 63 anos, Clementina de Jesus era uma revelação no Zicartola, e a veterana, Aracy Cortes, também fazia muito sucesso. Clementina foi uma redescoberta do poeta Hermínio Belo de Carvalho, padrinho de casamento do casal empreendedor, Angenor e Euzébia.

Você, meu leitor ou minha leitora, após esta longa dica, certamente já sabe responder as perguntas **O Que É** e **Quem É**. Certo?

Para quem, mesmo com tantas informações, ainda não

adivinhou, vou dar mais uma pista: a composição de maior sucesso do personagem da charada é *As Rosas Não Falam*, lançada pela cantora Beth Carvalho.



*Bate outra vez
Com esperanças o meu coração
Pois já vai terminando o verão enfim
Volto ao jardim
Com a certeza que devo chorar
Pois bem sei que não queres voltar para mim
Queixo-me às rosas, mas que bobagem
As rosas não falam
Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti, ai...
Devias vir
Para ver os meus olhos tristonhos
E, quem sabe, sonhar os meus sonhos
Por fim*

Assim como Noel Rosa, Angenor é um dos maiores compositores populares do Brasil.

Ele ficou muito triste quando o parceiro-amigo morreu e escreveu um samba, Cadeira Vazia, declarando que ninguém se comparou a Noel.

*Eu quisera esquecer o passado,
Eu quisera mas sou obrigado,
A lembrar o grande Noel,
Ainda resta a cadeira vazia,
Da escola de filosofia,
No bairro de Vila Isabel.
Professores trilham seu caminho,
Dentre eles destaque Martinho,*

*Mas nem todos, nenhum, nem ninguém,
A você se chegou,
Eu também agora prossigo,
Esse grande trabalho,
Não sei se o baralho,
Deu trunfos demais pra você,
Nem cartas poucas para mim.*

Última dica: Noel Rosa, O Poeta da Vila, dizia que o mais talentoso compositor que conheceu foi...



Matando a charada

Cartola era o apelido do menino Angenor de Oliveira, de cuja cabeça saiam notas musicais.

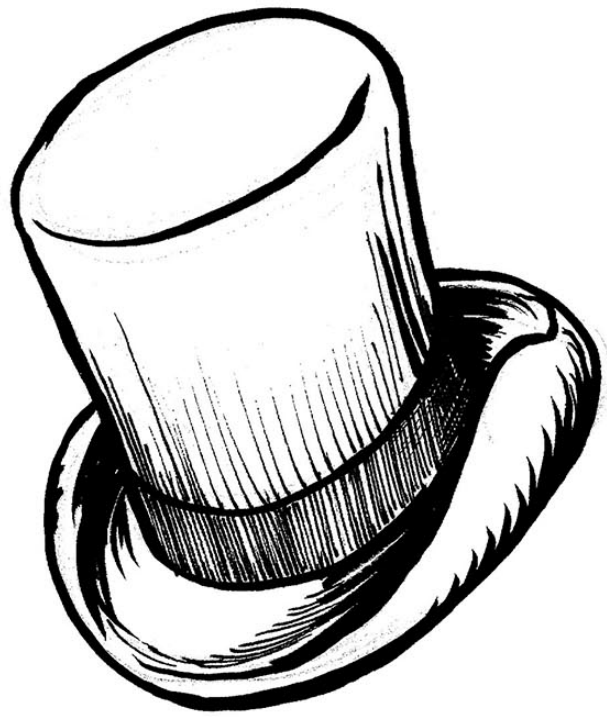
Ele nunca usou traje a rigor, só a cartola, o adereço.

O Cartola nunca foi um “cartola do futebol”, mas era juiz nas peladas do campo de terra batida no alto do Morro da Mangueira.



Moral da história

Um objeto (cartola), que é substantivo comum, se transformou em um singular nome próprio - Cartola.



sobre o autor



MARTINHO DA VILA, nascido Martinho José Ferreira, em Duas Barras (RJ), filho de lavradores, é um dos mais renomados artistas da MPB. Compositor, cantor e instrumentista, ganhou ao longo de décadas diversos prêmios. É ainda autor de inúmeros livros, tendo como pano de fundo o samba e a africanidade brasileira, entre eles *A rainha da Bateria* e *A rosa vermelha e o cravo branco*, ambos editados pela Lazuli, adotados em escolas do ensino fundamental. Também é presidente de honra da Unidos da Vila Isabel.

